

7.

Entre espaços e paisagens

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências.

Gaston Bachelard

Tendo a recordação e a reconstrução como mecanismos basilares de sua escrita, percebemos que Manuel da Fonseca trabalha sempre com elementos próximos. Os tipos que descreve, bem como os ambientes que visita em suas obras são recorrentes. Partindo de recordações, o autor deixa clara a preocupação com o homem e o ambiente que o cerca.

Assim, entendemos que, para se obter uma dimensão mais ampla da literatura de Manuel da Fonseca, faz-se necessário analisar a forma como o escritor insere o espaço no contexto de sua escrita. Tendo em vista os processos de criação e construção de sua literatura, percebemos que o escritor compreende a relação entre as personagens e o espaço como um amálgama que possibilita um entendimento mais profundo do homem e do meio em que se insere.

Em uma obra literária, a análise do espaço possibilita a interpretação de inúmeros aspectos que, de forma indireta, apresentam-se ao leitor. O espaço, muitas vezes, não se apresenta de maneira incisiva e as nuances que engendra só são percebidas através de uma leitura mais voltada para esse aspecto específico.

Ao adentrar no mundo dos sujeitos ficcionais, buscamos organizar nosso entendimento para, de forma coerente, situá-lo e, conseqüentemente, torná-lo passível de entendimento. Segundo Santos & Oliveira¹, nesse processo estamos atribuindo ao *ser* um certo *estar* e “ao realizarmos tal operação, estamos produzindo um *espaço* para o ser.”² Há, no caminhar da leitura, uma tentativa constante de se construir sentidos que dêem conta da estrutura desenvolvida pelo

¹ SANTOS, L.A.B. e OLIVEIRA, S.P. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

² *Ibid.*, p-67.

escritor e, nesse contexto, todos os indícios são válidos na busca por um entendimento mais completo da obra.

Vemos, portanto, que localizar o espaço da ação e, através dessa localização, inferir as funções atribuídas a esse espaço no desenrolar da narrativa, bem como suas influências na estrutura psico-social das personagens é um contributo fundamental para o entendimento global de qualquer obra em análise.

Porém, toda análise necessita de uma teoria basilar que a norteie, pois determinados conceitos e fundamentações exigem delimitações e posteriores convenções.

7.1.

Delimitando conceitos

Em seu livro *A poética do espaço*³, o filósofo Gaston Bachelard, analisa a relação do homem com o espaço a partir de sua interação com elementos próximos que compõem o seu convívio diário. O filósofo parte de ambientes e imagens da intimidade para desenvolver um estudo preocupado em demonstrar como o espaço não se restringe a uma objetividade de caráter meramente física, mas sim a um baralhar de percepções que interpenetram na imaginação do homem, sendo um reflexo de suas inúmeras vivências. Tendo em mente o espaço relacionado a um contexto literário, Bachelard desenvolve um estudo voltado para o entendimento do espaço apreendido através da imaginação e, nesse sentido, a idéia de uma relação subjetiva e particular com o espaço se faz presente. Para o filósofo:

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação (...) No reino das imagens, o jogo entre o exterior e a intimidade não é um jogo equilibrado.⁴

Vemos que, para Bachelard, o homem e o espaço estão intimamente ligados, sendo este reflexo das percepções e experiências daquele. O filósofo considera o estudo do espaço uma investigação voltada para aspectos psicológicos

³ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

⁴ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p-19.

do homem, pois associa a construção de espaços à realidade pessoal de cada um. Utilizando o termo psicanalítico “topoanálise” para discorrer sobre o estudo do espaço, Bachelard afirma que “a topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima”.⁵

Nessa esteira, percebemos que Bachelard restringe seu estudo a aspectos ligados a uma intimidade extrema. E, para que possamos realmente abarcar todas as particularidades da obra de Manuel da Fonseca, entendemos que é necessário ampliar a idéia topoanalítica do filósofo. Aceitando o viés trabalhado por ele, reconhecemos a importância de um estudo psicológico, porém acreditamos também na necessidade de se considerar aspectos sócio-culturais e naturais para compor o amplo espectro de ferramentas que nos possibilitam analisar o espaço em toda sua plenitude.

Para o geógrafo Milton Santos⁶, o espaço é formado pela comunhão de elementos naturais e elementos oriundos do trabalho do homem. Em seu estudo, o geógrafo define como “paisagem” esse espaço criado pelo ser humano, sendo o reflexo do acúmulo de tempos e vivências do homem. Diferentemente de Bachelard, Milton Santos não pensa o espaço apenas por um viés psicológico e intimista, concebendo a estrutura espacial como um conjunto de elementos que se agregam e formam um contexto, sempre levando em conta o passado e o presente do homem. Vemos que o geógrafo entende o espaço, a paisagem, como um fenômeno social. Há uma relação direta entre o ambiente apreendido e a sociedade, constituindo uma estrutura em plena movimentação:

Em realidade, a paisagem compreende dois elementos: 1. Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele. 2. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.⁷

⁵ *Ibid.*, p-28

⁶ SANTOS, Milton. *Pensando e espaço do homem*. São Paulo, 2001.

⁷ SANTOS, Milton. *Pensando e espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2001, p-53,54.

Para Milton Santos, a sociedade reflete-se no espaço que constrói. Ao passo que se modifica, é acompanhada pelo espaço que a representa e a influencia. Ainda segundo Santos, vemos que o espaço é

um sistema de valores que se transforma permanentemente. O espaço uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto quer dizer que o espaço é a sociedade.⁸

Dessa forma, é a sociedade que dá vida às estruturas espaciais, introduzindo nelas um contexto, um conteúdo. Considerando a obra de Manuel da Fonseca, um Largo, uma aldeia, uma paisagem qualquer desenhada pelo escritor só são transformados em espaço, dentro dessa concepção trabalhada por Milton Santos. Os espaços só se efetivam como tal a partir do momento em que são atribuídos valores específicos a eles. O espaço, nessa lógica, é a relação direta entre uma estrutura, uma forma espacial e um conteúdo social.

Corroborando com as idéias trabalhadas por Milton Santos, Tuan⁹ também entende o espaço como uma associação entre o espaço físico e a experiência, porém faz uma análise mais específica e divide em conceitos distintos a idéia de lugar e espaço. Segundo o pesquisador, espaço e lugar

são termos familiares que indicam experiências em comum. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa, cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.¹⁰

Partindo desse prisma, o lugar passa a existir de acordo com o nosso reconhecimento, nossa familiaridade. Para Tuan, todo espaço é passível de significações e, portanto, pode ser elevado ao status de lugar. Para ele, “os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente

⁸SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002, p-104.

⁹TUAN, Y.F. *Espaço e lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.

¹⁰Ibid., p-6.

apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente, e relações externas”¹¹.

Ao retratar o Alentejo em seus múltiplos desdobramentos poéticos, Manuel da Fonseca nos apresenta casas, praças, ruas que são espaços construídos pelo homem e refletem as experiências e vivências dos personagens que ali circulam, sendo um claro exemplo, segundo a teoria de Tuan, de um *espaço* que se transforma em *lugar* a partir do momento em que são dotados de valor e sentimentos.

Essa mesma distinção de conceitos faz Antonio Dimas¹², quando considera o *espaço* como sendo o local representativo de uma estrutura física. Para o pesquisador, aquilo que Tuan chama de *lugar*, em sua conceituação denomina-se *ambiente* ou *ambientação*. Vemos que para Dimas, o *espaço* liga-se a dados que fazem referência direta à realidade, enquanto o *ambiente* constrói-se a partir de relações psicológicas, sociais e econômicas. Utilizando a mesma nomenclatura de Dimas, Cândida Vilares Gancho ratifica seu pensamento e afirma que “o termo espaço, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um lugar psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo ambiente”¹³.

A partir de todos esses teóricos, percebemos que para nosso estudo há a necessidade de considerar, para uma análise das funções do espaço na obra de Manuel da Fonseca, tanto os aspectos naturais, quanto os ligados ao contexto social do homem. Tendo em vista a complexa e interpolada relação entre o homem e o ambiente na escrita de Fonseca, uma análise que procure dar conta dos desdobramentos semânticos possíveis deve atentar para as inúmeras relações que se configuram em sua obra, seja na transformação do homem pelos elementos da natureza, seja pelas modificações acarretadas pelo homem no espaço natural, seja pelo entendimento do homem através da análise do espaço.

Com isso, adotaremos como conceitos básicos as idéias desenvolvidas por Bachelard, no que diz respeito ao entendimento de um espaço oriundo das vivências e experiências íntimas do homem, bem como consideraremos de suma importância as caracterizações que separam o espaço natural do social, sempre

¹¹ Ibid., p-40.

¹² DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1987.

¹³ GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006, p-27.

ressaltando a possibilidade do cruzamento de conceitos e conjecturas, entendendo que, na obra de Fonseca, muitas vezes esses elementos não aparecem de forma estanque. Como nomenclatura a ser utilizada, não adotaremos um viés específico, porém tentaremos, de acordo com o contexto da enunciação, deixar claras as referências, procurando identificar os diversos tipos de espaço que se configuram através de uma nomenclatura própria.

7.2.

O homem e o espaço em Manuel da Fonseca

Para o autor, o espaço geográfico configura-se como um elemento fundamental. É de fácil percepção que tanto elementos estritamente naturais quanto elementos oriundos de uma intervenção do homem são trabalhados de maneira incisiva na obra de Manuel da Fonseca. O homem, em sua escrita, está sempre se relacionando com estes elementos, seja para contextualizá-lo, seja para dar-nos indícios. De uma maneira geral, o espaço atua no sentido de influenciar e/ou condicionar determinadas atitudes do homem, caracterizando-se como um agente modificador, capaz de moldar ou até mesmo antecipar os caminhos que irão ser traçados pelo homem em sua narrativa. Percebemos que a escrita de Manuel da Fonseca preocupa-se claramente em trabalhar o homem sempre inserido no seu espaço físico. Os elementos da natureza ganham muito relevo na literatura do escritor. O drama humano é retratado e repensado através de sua reinvenção dentro de um determinado ambiente, que o molda e, sem dúvida, é passível de ser modificado por este mesmo homem. Há uma espécie de via de mão dupla que faz do percurso traçado pelo homem uma reiterada relação de interdependência, onde enxerga o ser humano como um reflexo de seu espaço, tanto físico quanto social, configurando uma influência direta, bem como o responsável por desencadear qualquer tipo de mudança em seu mundo. Nesse sentido, o pesquisador Carlos Barcellos, tendo como referência os contos de *Aldeia Nova* afirma:

Essa proeminência do espaço, nomeadamente o Alentejo e mais especificamente a vila de Cerromaior, que se vai configurando cada vez mais nitidamente, ao longo dos contos – constitui um dos aspectos mais marcantes de *Aldeia Nova* (...). A importância conferida ao espaço corresponde a alguns aspectos

fundamentais da estética neo-realista, que centra sua ação no homem enquanto ser situado no tempo e no espaço, condicionado pela estrutura socioeconômica.¹⁴

O Alentejo é, marcadamente, o espaço ideológico privilegiado nas narrativas de Manuel da Fonseca, assim como na de muitos outros escritores neo-realistas. Além de ter, como já foi expresso em capítulos anteriores, uma relação de profunda afetividade com a região alentejana, Manuel da Fonseca parece entender que este ambiente, dentro da lógica de engajamento social do movimento, consegue agregar inúmeras problemáticas sociais que permitem trabalhar diversos pontos da proposta cultural e política do neo-realismo. Urbano Tavares Rodrigues chama atenção para esta particularidade do Alentejo afirmando que:

O Alentejo, com seus agudos problemas sociais – a propriedade indivisa, as crises de trabalho e as fomes periódicas, a tensão entre as classes, o nascimento na população agrícola de um espírito proletário que outras províncias praticamente ainda ignoram, pareciam oferecer aos escritores neo-realistas um campo excelente de investigação e laboração romanesca¹⁵

Assim, Manuel da Fonseca recupera este espaço social através de sua memória e o coloca como palco principal para as ações que irá desenvolver. No entanto, não podemos enxergá-lo como mero pano de fundo da movimentação cênica das personagens, mas sim não só como ambiente físico-natural, mas também como paisagem sócio-econômica que atua como mais um personagem da diegese da trama, tendo funções específicas e desempenhando papéis fundamentais. Nesse sentido, a escrita de Manuel da Fonseca aproxima-se das categorias aqui trabalhadas e leva-nos a entender o ambiente não apenas como referente do conjunto de elementos que integram ou caracterizam geograficamente uma localidade. Aqui, pensamos no espaço a partir de todos os elementos que, denotativamente e conotativamente, atuam na construção espacial do romance, relacionando o homem, seus valores e sentimentos ao ambiente em que está inserido. Desse modo, ao se pensar exclusivamente no espaço natural alentejano trabalhado em suas obras, percebemos que sua compreensão passa pelas inúmeras possibilidades interpretativas, seja de forma mais ampla, como uma localização,

¹⁴ BARCELLOS, José Carlos. *O herói problemático em Cerromaior*. Niterói: Eduff, 1997, p-18.

¹⁵ RODRIGUES, Urbano Tavares. “O Alentejo”. In: *Antologia da terra portuguesa*. Vol 3. Lisboa: Bertrand, s/d.

um clima ou uma paisagem, seja de forma mais específica, partindo de elementos estanques, como uma árvore, uma tempestade ou um vento, que ganham significados específicos na escrita. Em *Seara de vento*¹⁶, por exemplo, o vento vem demarcar momentos de profunda tensão na narrativa. Elevado a condição de personagem, trabalha como uma espécie de agente anunciador, fazendo as vezes de um Coro trágico, que atravessa todo o romance e nos faz refletir sobre a realidade a que estão submetidos as personagens daquele ambiente. Manuel da Fonseca introduz na narrativa um imutável ambiente sombrio, deixando clara, para nós leitores, a caracterização de um espaço marcadamente sofrido e angustiante, que insiste em permanecer. O vento, por vezes, adentra a narrativa de forma absolutamente metaforizada, levando-nos ao encontro de uma expressiva subjetivação, onde homem e natureza se interpenetram. Vemos o vento, absolutamente personificado, anunciar o que está por vir, contextualizando e preparando-nos para a narrativa que segue coerentemente o estado de espírito antecipado pela fenômeno:

O choro da nortada trespassa a solidão da noite. Infiltra-se pelas frinchas das janelas e da porta, pelas telhas, afoga o casebre de gemidos, queixas, agonias.

Como que jogado na lufada, o Palma afunda-se até ao profundo adormecimento, de novo volta à tona, revolve-se sobre a enxerga, torna a afundar-se. Formas mal pressentidas, claridades fugazes, sombras, perpassam pelo negrume dos pesadelos.¹⁷

Manuel da Fonseca constrói uma narrativa que se preocupa em engendrar na paisagem natural e nos elementos que a compõem uma forte carga semântica, que dialoga constantemente com os demais personagens. O vento, em *Seara de Vento*, pontua e demarca as ações, fazendo-nos refletir sobre os estados de espírito das personagens, caracterizando uma espécie de simbiose entre elas:

Pela madrugada, a ventania vibra com um fragor subterrâneo de sentimentos à solta. No sono incerto do Palma o cansaço luta com a memória. Aos seus ouvidos ecoam risos chocalhados, demências. Vozes de desespero, angústia. O pavor rastejado do medo. Soluços sorvidos. O uivo longo da ameaça. O grito clamoroso do ódio.¹⁸

¹⁶ FONSECA, Manuel da. *Seara de vento*. Lisboa: Forja, 1980.

¹⁷ *Ibid.*, p-201.

¹⁸ FONSECA, Manuel da. *Seara de vento*. Lisboa: Forja, 1980, p-202.

Ao passo que avança, o vento traz consigo distintos momentos da narrativa e a sua constância espelha uma ambientação sem muitas possibilidades, de vida e de transformação, característica marcadamente realçada na obra de Manuel da Fonseca. A idéia de um ambiente recorrentemente austero e, efetivamente, imutável é, tanto em sua obra poética como em sua ficção, uma temática chave. No poema *Aldeia*, o escritor trabalha essa idéia de solidão e imutabilidade a partir da confluência entre elementos naturais e a atividade humana. Através da descrição da aldeia, em seus objetos sociais¹⁹, construídos pela mão do homem, Manuel da Fonseca trabalha a idéia de isolamento a partir da relação entre a natureza, desenhada em toda sua imensidão, o homem e sua construção:

Nove casas
duas ruas,
ao meio das ruas
um largo,
ao meio do largo
um poço de água fria.

Tudo isto tão parado
e o céu tão baixo
que quando alguém grita para longe
um nome familiar
se assustam pombos bravos
e acordam ecos no descampado.²⁰

É clara a importância dos elementos naturais em sua obra. Há uma evidente instrumentalização do espaço, sendo esse espaço um forte elo entre o mundo objetivo, referenciado pelo autor, e o ambiente subjetivo, onde Fonseca busca introduzir toda sua intencionalidade discursiva. O espaço físico é o campo simbólico capaz de transportar o leitor para a angustiante realidade desenhada pelo escritor. Retornando à *Seara de vento*, percebemos que todos os elementos

¹⁹Ideia trabalhada pelo geógrafo Milton Santos, que entende os elementos espaciais criados pela mão do homem como objetos sociais, diferenciando-se de objetos naturais, que seriam caracterizados pela não intervenção do homem. SANTOS, Milton. *Pensando e espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2001.

²⁰FONSECA, Manuel da. “Aldeia”. In: *Poema completos*. Lisboa: Forja, 1978, p-106.

que compõem os fenômenos naturais agem no intuito de evidenciar uma estrutura cruel e estável, denunciada a todo instante pelo escritor:

Durante alguns dias a nortada aquieta-se. Grandes chuvadas começam a cair cada manhã, demoram-se pela tarde adiante, só com a noite se extinguem. Depois, de novo o vento irrompe das bandas do Norte. O tempo seca, frio e nublado.

É estreita, sempre igual, a vida do campo. Raros são os acontecimentos estranhos, tudo se repete. Até quando qualquer transformação se verifica e persiste, logo se monotoniza.²¹

Nesse sentido, Manuel da Fonseca trabalha a paisagem, os elementos naturais, de modo a colocá-los como parte integrante da narrativa. O espaço, em sua literatura, não se constitui como um mero adereço. Desempenha funções específicas, seja para levar-nos ao interior das personagens, caracterizando-os de forma profunda, seja para representar mudanças temporais efetivas, que também estão ligadas diretamente à condição humana. Em o *Largo*, conto de abertura do livro *O fogo e as cinzas*, Manuel da Fonseca utiliza uma linguagem extremamente simbólica para descrever as transformações ocorridas em um pequeno vilarejo com o advento da chegada do progresso. Esse progresso é representado metaforicamente pela presença do comboio, que traz consigo uma nova estrutura sócio-econômica, que contrasta profundamente com a realidade local.

Através de uma narrativa dinâmica, quase cinematográfica, o escritor desenha as modificações introduzidas na paisagem local, revelando uma estrutura social em crise, conseqüência direta de um progresso industrial que se instaura no cerne de uma sociedade preponderantemente agrária. Fonseca esforça-se para externar essas mudanças, utilizando diversos recursos, dentre os quais o espaço, a paisagem, ganha um papel representativo, pois é a chave-mestra que conduz a trama para toda a problemática introduzida no conto.

Em o *Largo*, todos os elementos da paisagem que compõem a descrição inicial do conto, e aqui consideramos essa paisagem em seus aspectos físicos e sociais, caracterizam essa transformação :

Antigamente, o *Largo* era o centro do mundo. Hoje, é apenas um cruzamento de estradas, com casas em volta e uma rua que sobe para a Vila. O vento dá nas faias e a ramaria farfalha num suave gemido, o pó redemoinha e cai sobre o chão deserto. Ninguém. A vida mudou-se para o outro lado da Vila.²²

²¹ FONSECA, Manuel da. *Seara de vento*. Lisboa: Forja, 1980, p-135.

²² FONSECA, Manuel da. "O Largo". In: *O fogo e as cinzas*. Lisboa: Caminho, 2005, p-23.

Nesse conto, vemos que, ao mesmo tempo em que demarca uma localização, o espaço físico vai se aproximando de uma conjuntura mais social e acaba por retornar e caracterizar aspectos ligados diretamente ao homem. Há, nesse sentido, uma confluência entre os elementos físicos e o elemento humano, fazendo parte de um todo que se constitui a partir de uma paisagem única e coesa. O caráter meramente físico dá lugar a uma perspectivação das relações humanas que se configuram no espaço. Como afirma José Carlos Barcellos, “o espaço físico projeta-se no plano social e psicológico como ambiente ou atmosfera para os dramas(...). A ênfase desloca-se do espaço em si para as relações que nesse espaço se estabelecem”²³. Um exemplo claro desse amálgama é a descrição inicial do conto *Campaniça*, inserido como texto de abertura do livro *Aldeia Nova*. Nesse conto, Manuel da Fonseca descreve Valgato, uma pequena aldeia que nos é apresentada, em um primeiro momento, a partir de um olhar preocupado em caracterizá-la em seus aspectos puramente físicos. Manuel da Fonseca inicia sua descrição enfatizando sua localização em relação a outros elementos naturais, caracteriza seu solo e sua extensão e, de forma gradual, associa aspectos de ordens naturais a elementos exclusivamente humanos. Observamos o autor nos introduzir em um universo de descrições interpoladas, onde o físico se funde ao humano, estabelecendo um ambiente plurissignificativo, que faz do espaço físico um reflexo simbólico das angústias sociais do homem daquela região. Ao fundir o plano sentimental com o plano físico, o autor nos leva para um ambiente metafórico em que conseguimos enxergar o homem a partir do ambiente habitado por ele. Nesse contexto, homem e espaço se confundem:

Valgato é terra ruim.

Fica no fundo de um córrego, cercada de carrascais e sobreiros descarnados. O mais é terra amarela, nua até perder de vista. Não há searas em volta. Há a charneca sem fim que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato, debaixo de um céu parado.

Valgato é uma terra triste.

Saem os homens para o trabalho ainda a manhã vem do outro lado do mundo. Levam enxadas e foices e conhecem todos os trilhos, entre o mato, com estevas que são mais altas que duas vezes o tamanho do mais alto dos homens de Valgato. Tanto conhecem os caminhos que vão, sem desvio nem engano, até às

²³ BARCELLOS, José Carlos. *O herói problemático em Cerromaior*. Niterói: Eduff, 1997, p-21.

herdades que ficam a léguas de distância, ainda com o sono e o escuro da noite fechando-lhes os olhos.²⁴

Dentro dessa mesma ideia, vemos Manuel da Fonseca apresentar-nos um espaço físico vivo. Além de refletir simbolicamente o estado psico-emocional das personagens, os elementos naturais acabam por adentrar na vida do homem de maneira tão incisiva que passamos a conhecer os personagens através das impressões que tiramos do ambiente. A partir da descrição e da ação dos elementos naturais, inferimos o modo pelo qual o clima atua na vida das personagens, bem como reflete suas emoções e sentimentos. O espaço exerce a dupla função de atuar e condicionar suas vidas e, ao mesmo tempo, apresenta-nos de que forma o estado psicológico se mostra dentro daquele contexto narrativo. Há uma forte interação entre o homem e o meio. Vemos que a caracterização do espaço físico é o que possibilita uma compreensão mais detalhada da problemática engendrada e, nesse sentido, acaba por traduzir os sentimentos e as percepções do fato em si:

A canção dos homens agarrados ao timão das charruas chegava até ao monte. Não podia chamar-se canção. Não era mais que um lamento esvaído entre o céu baixo, de nuvens pardacentas, e a planície vermelho-escura, empapada de água. Semelhava um apelo dolorido aos animais e à terra. Os bois pareciam parados, de focinhos estendidos como num rito religioso, pisando docemente.²⁵

Retornando ao conto *O largo*, vemos, também, o espaço surgir como elemento agregador. É a partir da caracterização do espaço que Manuel da Fonseca nos apresenta a dicotômica relação presente-passado que se estabelece como cerne dos questionamentos engendrados no conto. O Largo representa a vivência alentejana, que se transforma com a chegada do comboio. O espaço físico é personificado e posto lado a lado com os habitantes do lugar, sofrendo e morrendo juntamente com todos os tipos que configuravam o passado daquela localidade:

O comboio matou o Largo. Sob o rumor do rodado de ferro morreram homens que eu supunha eternos. O senhor Palma Branco, alto seco rodeado de respeito. Os três irmãos Montenegro, espadaúdos e graves. Badina fraco e repontão. O

²⁴ FONSECA, Manuel da. "Campaniça". In: *Aldeia Nova*. Lisboa: Forja, 1978, p-09.

²⁵ FONSECA, Manuel da. *Cerromaior*. Lisboa: Editorial Caminho, 1981, p. 33,34.

Estroina, bêbado, trocando as pernas de navalha em punho. O Má Raça, rangendo os dentes, sempre enraivecido contra tudo e todos. O lavrador de Alba Grande, plantado ao meio do Largo com a sua serena valentia. Mestre Sobral. Ui Cotovio, rufião, de caracol sobre a testa. O Acácio, o bebedola do Acácio, tirando retratos, curvado debaixo do grande pano preto. E, lá ao cimo da rua, esgalgado, um homem que eu nunca soube quem era e que aparecia subitamente à esquina, olhando cheio de espanto para o Largo.²⁶

Vemos o Largo como um pólo centralizador dos acontecimentos da aldeia e todos os personagens formavam, juntos, uma estrutura coesa que representava as diversas personalidades do vilarejo. Manuel da Fonseca pinta os diversos tipos formadores do ideário alentejano e os coloca para atuar no palco máximo que é o Largo. Nesse contexto, entendemos este espaço como uma personagem formada pela coletividade, caracterizando-se por agregar toda a diversidade que dá força e equilíbrio ao conto. Vemos o largo como “um espaço determinante: a paisagem, os cenários, surgem pulsando em unísono com os protagonistas, numa imbricação mútua”²⁷.

O espaço é, portanto, a representação personificada daquela estrutura social. A partir do Largo, tomamos conhecimento da condição em que se encontra o vilarejo com a presença do elemento modificador. A relação presente-passado é posta em termos espaciais, sendo caracterizada diretamente pela apresentação animada do espaço que divide temporalmente o conto em dois pólos: o primeiro, quando “o Largo era o centro do mundo”²⁸ e, em seguida, quando “o comboio matou o Largo”²⁹.

Assim, é a partir da análise do Largo que conseguimos perceber a nova ordem que se instaura. Temos uma visível polarização entre o Largo que existiu, símbolo de uma era e de um estilo de vida que não retornará mais e o Largo que está se constituindo, espelho de uma decadência imposta por uma nova realidade social:

Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada

²⁶ FONSECA, Manuel da. “O Largo”. In: *O fogo e as cinzas*. Lisboa: Caminho, 2005, p-23, 24.

²⁷ ROCHETA, Maria Isabel. “Sobre O Fogo e as cinzas de Manuel da Fonseca”. In: *Três ensaios sobre a obra de Manuel da Fonseca*. Lisboa: Editorial comunicação, 1980, p-61.

²⁸ FONSECA, Manuel da. “O Largo”. In: *O fogo e as cinzas*. Lisboa: Caminho, 2005, p-23.

²⁹ *Ibid.*, p-23.

porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção.

A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social.³⁰

Maria Isabel Rocheta observa este fenômeno e comenta:

O Largo não é já o centro, o núcleo, a plataforma possível para o diálogo. E nada o vem substituir. As relações humanas alteram-se – “desumanizam-se”, perdem a antiga aparência de solidariedade senhorial, pondo a nu a exploração mecânica e desenfreada. Aos valores decorrentes da coragem, da força, da inteireza de cada qual, sobrepõem-se os valores dependentes da situação financeira das famílias. É pelo menos assim que as personagens encaram a situação, opondo à dureza do presente uma visão vaga e idealizada do passado.³¹

É patente, nesse conto, o surgimento de uma nova perspectiva, em que a mudança se dá, a partir da introdução de inúmeros elementos que, ao mesmo tempo em que seduzem, apresentando um mundo de infinitas possibilidades, também assustam com a velocidade que se impõem, modificando radicalmente a estrutura social. As vidas se transformam, o tempo acelera e, nesse contexto, vemos um misto de medo e desejo se constituir:

Hoje, as notícias chegam no mesmo dia, vindas de todas as partes do mundo. Ouvem-se em todas as vendas e nos numerosos cafés que abriram na Vila. As telefonias gritam tudo que acontece à superfície da terra e das águas, no ar, no fundo das minas e dos oceanos. O mundo está em toda parte, tornou-se pequeno e íntimo para todos. Alguma coisa que aconteça em qualquer região todos a sabem imediatamente, e pensam sobre ela e tomam partido. Ninguém já desconhece o que vai pelo mundo. E alguma coisa está acontecendo na terra, alguma coisa terrível e desejada está acontecendo em toda parte.³²

A polarização presente-passado se aprofunda e esta divisão estende-se para outros aspectos da trama. Manuel da Fonseca utiliza o espaço como demarcador de diferenças sociais, demonstrando como este novo universo, que velozmente se instala, traz mudanças profundas, que se estabelecem de forma, aparentemente, natural e a sua percepção se faz de forma lenta e paulatina:

³⁰ SANTOS, Milton. *Pensando e espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2001, p-54.

³¹ ROCHETA, Maria Isabel. “Sobre O Fogo e as cinzas de Manuel da Fonseca”. In: *Três ensaios sobre a obra de Manuel da Fonseca*. Lisboa: Editorial comunicação, 1980, p-55.

³² FONSECA, Manuel da. “O Largo”. In: *O fogo e as cinzas*. Lisboa: Caminho, 2005, p-26.

A Vila dividiu-se. Cada café tem a sua clientela própria, segundo a condição de vida. O Largo que era de todos, e onde apenas se sabia aquilo que a alguns interessava que se soubesse, morreu. Os homens separaram-se de acordo com os interesses e as necessidades. Ouvem as telefonias, lêem os jornais e discutem. E, cada dia mais, sentem que alguma coisa está acontecendo.³³

Ao mesmo tempo em que introduz na narrativa uma estrutura polarizada, dividindo a Vila física e socialmente, o ambiente que se constrói neste conto remete-nos a uma ambigüidade profunda, em que a chegada deste “novo mundo” estabelece, concomitantemente, um notório progresso, com suas novidades industrializadas (“As lojas encheram-se de utensílios que, antes, apenas se vendiam nos ferreiros”), um novo paradigma sócio-econômico (“O comércio desenvolveu-se, construiu-se uma fábrica. As oficinas faliram, os mestres-ferreiros desceram a operários, os alvanéis passaram a chamar-se pedreiros e também se transformaram em operários.”), novos hábitos e costumes (“As mulheres cortaram os cabelos, pintaram a boca e saem sozinhas.”), e uma contundente segregação, pois o novo espaço que se forma amplia as dimensões do antigo mundo estabelecido (“o Largo, agora, é todo vasto mundo.”), mas não agrega todos a seu novo modo de compreensão do mundo:

No outro Largo, só os bêbados e os madraços dos malteses – e aqueles que não querem acreditar que tudo mudou. O certo é que ninguém já liga importância a esta gente e a este Largo.

As grandes faias ainda marginam o largo como antigamente e, à sua sombra, João gadunha ainda teima em continuar a tradição. Mas nada é já como era. Todos o troçam e se afastam.³⁴

O mundo se transforma e a paisagem se altera, refletindo essas mudanças. Porém, nem toda mudança desencadeia uma modificação profunda e totalizante na paisagem estabelecida. As reminiscências de um mundo que não se configura mais como a hegemonia local também servem para se fazer o contraponto entre aquilo que representa o novo e aquilo que caracteriza o passado. Vemos que “as alterações por que passa a paisagem são apenas parciais. De um lado alguns dos seus elementos não mudam – ao menos em aparência – enquanto a sociedade evolui. São as testemunhas do passado”³⁵.

³³ FONSECA, Manuel da. “O Largo”. In: *O fogo e as cinzas*. Lisboa: Caminho, 2005, p-27.

³⁴ *Ibid.*, p-27.

³⁵ SANTOS, Milton. *Pensando e espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2001, p-54.

A literatura de Fonseca pauta-se em por uma ideia de transformação e, em razão disso, percebemos que o autor procura inserir em seu texto diversos elementos que consigam alegorizar determinadas movimentações. O autor esforça-se por construir uma estrutura polivalente, em que o espaço ganha um valor simbólico contundente. Assistimos, nas obras de Manuel da Fonseca, a uma profunda relação entre o homem e as partes que compõem os espaços físico e social, conduzindo-nos a uma leitura do homem e de suas relações através da leitura do ambiente em que ele se insere e convive.

O espaço adquire em Manuel da Fonseca uma infinidade de funções, que nos levam a pontuais questões dentro de suas obras. Conseguimos perceber que, tanto em sua ficção, como em sua poesia, há uma sobreposição simbólica que nos conduz a uma intensa experiência de sentidos e percepções. Há uma inquietante realidade sendo mostrada pelo autor e o ambiente consegue, através de sua simbiótica relação com o homem, apresentar uma estrutura perspectivada, onde o leitor é convidado a se inserir na obra, inferindo e construindo sentidos a partir das leituras que faz dos elementos que compõem o espaço em todas as suas possibilidades.

Dentro desse contexto, fica clara a necessidade de se encarar o espaço, na literatura de Manuel da Fonseca, como mais um elemento que se funde à narrativa para, de maneira muitas vezes autônoma, constituir-se como peça fundamental no entendimento do objeto literário. Interpretar e conduzir uma leitura, que não mantenha um compromisso intenso com as suas inúmeras significações, faz da relação obra-leitor uma estrada de lacunas incompletas, em que acaba por dificultar o alcance de um nível mais aprofundado de leitura.